

## As influências do espaço do Instituto de Educação Sarah Kubitschek (IESK) na memória das normalistas: entre a tranquilidade e o “feudo”

Amanda O. Rabelo  
Mestre em Memória Social e Documento pela UNIRIO  
[amandaorabelo@bol.com.br](mailto:amandaorabelo@bol.com.br)

### Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar se a memória das normalistas do Instituto de Educação Sarah Kubitschek (IESK) se encontra influenciada por seu local de convívio e pelo espaço compreendido pelo bairro de Campo Grande no Rio de Janeiro. É importante esclarecer o quanto essa localidade influencia na geração dos valores e nos hábitos das normalistas e se esse grupo está inserido de tal maneira que é adaptado à região em questão, modificando e sendo modificado por ela.

### Palavras-chave

Memória, espaço, formação de professores

### 1. A influência do espaço na formação da memória

Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade — em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. [...] de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? (Foucault).

Minha vida é marcada pela ferocidade da curiosidade. Porém, essa curiosidade não é só a busca pelo legitimado na sociedade e pelo que é convencionalizado que devemos conhecer. Sempre questioneei a educação e a sociedade existente, já que achava que elas não instigavam o indivíduo a um pensamento crítico.

Abro aqui um espaço para refletir sobre minhas memórias. Vale ressaltar que essa é a memória que tenho hoje, que me faz pensar sobre o passado e reformulá-lo de forma diferente. Pois, diante do que já vivi e das experiências que passei, não posso mais ver meu passado como o via antigamente.

Minha memória se torna importante para situar os questionamentos oferecidos neste trabalho, tendo em vista que nada surge por acaso: as curiosidades aparecem em um contexto e depois se tornam memória.

Meu interesse pelas discussões envolvendo o processo educativo começa desde cedo, em meio ao ambiente familiar. Minha mãe, depois de terminar a graduação em Agronomia, passa a se sentir atraída vivamente por educação, indo cursar Pedagogia com o sonho de abrir uma escola que atendesse à população sem se limitar a reproduzir o currículo tradicional. Assim, ela cria, em 1986, uma escola experimental baseada em Freinet, cuja proposta pedagógica consistia em desenvolver uma educação que não somente ensinasse conteúdos obrigatórios, mas que ensinasse a viver e questionar o mundo, e que isso também pudesse ser desfrutado por seus filhos.

O novo currículo, ao contrário dos demais, buscava relacionar intimamente conteúdos, práticas e reflexões. Porém, não teve boa aceitação pela comunidade nem pelos professores, forçando a mudança de rumo na filosofia da escola. Fato doloroso que procuro até hoje entender.

Particpei de toda a trajetória dessa escola. No exercício da função de secretária escolar por cerca de dois anos continuei tentando compreender *como* e *por que* retrocedemos desse projeto educativo inicial a um ensino que passou a priorizar os livros didáticos e seus procedimentos educacionais tradicionais. Nesse contexto, observei a queda do ideal de minha mãe frente às imposições dos pais de alunos do bairro de Campo Grande (bairro situado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, sendo um dos bairros mais distantes do Centro da cidade).

Percebi como os indivíduos desejam incorporar o que está legitimado e não valorizam a reflexão. Ao não apreciarem a criticidade, acabam incorporando e almejando saberes que são impostos pela sociedade.

A partir dessa experiência, pude perceber também a forma como a maioria das professoras da 1ª à 4ª séries (em sua maior parte normalistas do Instituto Sarah Kubitschek que estagiavam no colégio) escolhiam sua profissão: principalmente pela afetividade e por gostarem de crianças, coisa que elas designavam como “atributos femininos”.

Isso me incomodava, porque, sendo mulher, não reconhecia que tais atributos fossem os mais importantes da condição feminina. Dessa forma, passei a *não querer* ser “professora de criança”. Cursei o antigo 2º grau (formação geral) com a intenção de prestar vestibular para informática, tendo em vista que o mundo vasto dos computadores me instigava. Não consegui passar para Informática, mas para Pedagogia na UNIRIO.

Na faculdade aprendi a gostar da educação como um todo, a questionar a educação vigente e a querer mostrar aos professores uma nova forma de percebê-la. Diante de tantos questionamentos surgiu a oportunidade de ser bolsista de Iniciação Científica na pesquisa “A (Re) invenção da Escola Pública: a sexualidade e a formação continuada dos jovens professores”, sob a coordenação da professora Maria Amélia Reis.

Comecei, então, a questionar os padrões de sexualidade vigentes e a forma com que estes eram vistos na escola e, também, a educação sexual oferecida pelas escolas e veiculada pelos professores que, a meu ver, não davam conta dos questionamentos levantados pelos alunos.<sup>i</sup> Deste modo, dei início à compreensão do jogo de poderes e saberes que envolvem a sexualidade em nossa sociedade, e analisei como esse mesmo jogo se repete na vida escolar, trazendo a disciplinação dos corpos e das mentes em um movimento de negação do prazer de ensinar e aprender, como aponta Foucault em suas obras.

Passei a estudar também os saberes docentes e as crenças pedagógicas dos professores e como apurar a atuação desses sujeitos em uma escola excludente e disciplinadora. Essa foi uma das questões da minha monografia de pós-graduação em “docência do ensino superior”, realizada também na UNIRIO<sup>ii</sup>.

Depois de refletir sobre a sexualidade na nossa sociedade, a questão da escolha profissional docente voltou ao meu foco de interesse. Pois, ao admitir que a sexualidade passa por toda uma rede de discursos e de processos de disciplinação, a escolha da profissão também sofria essas influências.

Estabeleci um recorte específico: o local em que eu vivo e vivi toda minha vida. O bairro que me suscitou tantas questões sobre a educação, que tem somente um instituto público de formação de professores e que forma grande quantidade de mulheres para o mercado de trabalho docente.

Esse questionamento se torna crucial para meu ingresso no Mestrado de Memória Social e para a elaboração dos problemas levantados neste artigo, principalmente por responder às seguintes questões:

- De que forma a memória das normalistas do Instituto Sarah Kubitschek (IESK) e a sua escolha profissional acabam sendo influenciadas pela sociedade em que elas estão inseridas?
- O local onde a normalista vive condiciona suas escolhas, sua subjetividade, sua memória?

Visando analisar os impactos na memória dessas normalistas não só no momento em que estudaram no IESK, mas também, numa fase posterior, antes mesmo do exercício da docência, busco neste estudo refletir sobre a escolha profissional e a importância da instituição de ensino para as estudantes/professoras.

Um fato que percebo é que seu local de formação possui características específicas, em virtude da região em que está situado — o bairro de Campo Grande. Esse lugar ainda mantém tradições,

concepções e valores de uma sociedade de costumes tradicionais<sup>iii</sup>, podendo condicionar a construção da identidade do grupo de docentes selecionado. Isto é, procuro analisar como um fenômeno espacial específico — a inserção das normalistas no âmbito sócio-cultural de Campo Grande — pode ter influências na memória e na identidade das normalistas.

A escolha por estudar a influência do espaço na constituição da memória das normalistas está relacionada, principalmente, ao fato de elas estudarem na única escola pública de formação de professores da região oeste da cidade do Rio de Janeiro, o que as torna difusoras dos costumes locais.

Entretanto, ressalto que, conforme assinala Nilda Alves (2000), não é só na escola que se ensina e se aprende, mas em outros grupos locais em que o estudante está inserido. Conseqüentemente, não é somente no âmbito escolar onde a memória é produzida. O fato de o homem ser social permite que ele aprenda em todos os tempos e espaços. Portanto, pude perceber que as estudantes não só aprendem no IESK, mas em toda a região em que convivem, com todos os grupos locais com que têm contato.

Para descobrir os meandros da memória dessas normalistas entrevistei algumas delas e autoridades do IESK. Com isso, pretendia perceber nas suas narrativas como a memória poderia produzir subjetividade<sup>iv</sup> e quais as influências que elas receberam durante a sua vida para optar pelo caminho do magistério.

O homem sempre tenta modificar o local em que vive para torná-lo mais adequado às suas necessidades. Entretanto, neste artigo viso analisar como os homens encontram-se marcados pela localidade e pela comunidade em que estão inseridos. Halbwachs (1990, p. 133) nos ajuda a compreender dizendo que “Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem”. Ou seja, o homem é transformado pelo espaço em que vive e vice-versa.

Todavia, antes de analisar algumas das influências de Campo Grande sobre a memória das normalistas, torna-se necessário esclarecer, inicialmente, o que estou entendendo como memória. “Memória” é um termo com várias acepções. Para elucidá-las, podemos recorrer primeiramente ao dicionário:

s.f. faculdade de reter idéias ou noções adequadas; lembrança; reminiscência; anel comemorativo; monumento comemorativo; fama; celebridade; [...] dissertação literária ou científica; pl. narrações históricas escritas por testemunhas presenciais; autobiografia; comentários (LUFT, 1993, p. 425).

Várias definições são oferecidas pelo dicionário: a questão do ato de lembrar e memorizar; os aportes que podem nos fazer recordar ou exaltar algum fato ou acontecimento, como um monumento; o que foi “escrito” por alguém que presenciou um fato da história ou que narra a sua história; os comentários; até mesmo este artigo, enfim, tudo isso seria memória.

Cabe ressaltar aqui que não considero a memória restrita a nenhum desses aspectos enumerados, muito pelo contrário, a memória não é algo limitado somente aos escritos e aos apoios à lembrança. A memória está presente em todos os grupos e nos indivíduos, mesmo que as recordações não sejam iguais aos escritos da história. A memória engloba, de acordo com Wehling & Wehling,

todas as representações coletivas do passado, da qual seriam espécies as ‘memórias’ da tradição oral, do ‘erudito de aldeia’, do culto à pátria ou à região e dos fabricantes de ideologias em geral. A história estaria reservado o papel, mais restrito, do conhecimento teórico-metodológico do mesmo objeto, com seu produto, a historiografia (1997, p.23).

Isto não quer dizer que a memória seja subjetiva, não científica, e a história objetiva, científica<sup>v</sup>, mas que elas são diferentes. A memória atenderia aos objetivos de uma sedimentação social que a história não compreenderia, pois esta se preocuparia com o conhecimento teórico obedecendo a metodologias pré-estabelecidas. Entretanto, a memória seria responsável pela lembrança e pelos costumes de uma comunidade ou sociedade. A memória aparece “quando as mesmas lembranças, vividas ou transmitidas, ressurgem de forma repetida, sendo apresentadas como específicas da comunidade” (Wehling & Wehling, 1997, p.15).

A memória, assim como o próprio grupo que a produz, é influenciada por diversos fatores que não são centrais para a história, cujos objetivos são teóricos e não vivenciais. Um desses fatores é o espaço, conforme a descrição de Wehling & Wehling:

*O espaço é condição sine qua non da memória e um referencial na história.* Se Halbwachs podia afirmar que ‘não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial’, sem o qual ela desapareceria, o conhecimento histórico, de há muito superado o determinismo geográfico, admite o espaço como um referencial entre outros, sem dar-lhe a preeminência na análise e explicação (1997, p. 19-20).

Para indagar a importância do espaço na construção da memória pode-se lembrar as afirmações de Halbwachs. Para ele, a memória é interpretada como um fator coletivo, diferentemente

da visão que predominou durante “dois e meio milênios de tradição ocidental”, em que, de acordo com Wehling & Wehling (1997, p. 11),

a memória foi concebida como algo obviamente individual. Seria sempre entendida como uma faculdade, a de reter e recordar acontecimentos passados, à qual corresponderia uma função psíquica, reprodutora de um estado consciente do passado do sujeito.

A partir de Halbwachs (1990), a memória passou a ser analisada como um fato social<sup>vi</sup> que é influenciado pelos fatores coletivos, pois ela seria sempre perpassada por dados que se originam fora do indivíduo e que lhe servem de guia. Essa memória, influenciada pelo coletivo, estaria presente até mesmo no sonho. A memória coletiva condiciona todas as lembranças, assim o indivíduo acreditaria ser o exclusivo autor de uma reminiscência que, na verdade, surge em função de um processo social.

A questão da memória social ou coletiva envolveu importantes discussões teóricas, haja vista as críticas de Fentress e Wickham (1992, p. 7) às teses de Halbwachs. Segundo essas críticas, ele teria se preocupado demais com a dimensão coletiva da memória e acabou por desprezar o aspecto individual da recordação. Dessa forma, eles cunham o termo *memória social*, no qual é contemplada a participação do indivíduo na gestação da memória.<sup>vii</sup>

Fentress e Wickham (idem) nos remetem a uma memória que não é estritamente do sujeito e nem somente coletiva, pois não devemos negar ao indivíduo um certo grau de autonomia na produção de sua própria memória. Eles propõem um equilíbrio entre a memória individual e a social.

Mesmo diante dessas críticas, Halbwachs (1990) se tornou um importante teórico para interpretarmos a questão da memória e, principalmente, da sua ligação com o espaço. Ele assinala que as imagens espaciais desempenham um papel importante na memória coletiva e nos costumes de um grupo, pois o lugar recebe a *marca* do grupo e vice-versa: o grupo é influenciado pelo lugar.

Um grupo não passa por um lugar sem deixar nele seus indícios e o lugar, por sua vez, também estabelece suas demarcações na memória do grupo. Da mesma forma que um grupo se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem, também transforma o espaço à sua imagem. Portanto, os termos espaciais são importantes para esclarecer a memória coletiva e as escolhas que são feitas por determinado grupo.

Halbwachs aponta que o espaço e a disposição dos objetos desse espaço são como elos que vinculam a nossa memória aos diversos grupos a que pertencemos. Os objetos, na sua disposição habitual, são duráveis e, dessa forma, tendem a nos trazer uma sensação de estabilidade e

continuidade, um sentimento de pertença a um determinado grupo ou sociedade. Nossa memória se fixa sobre eles para a geração das lembranças. Halbwachs esclarece a importância do espaço na configuração da memória coletiva:

não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura [...] É sobre o espaço, sobre o nosso espaço [...] que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (1990, p. 143).

A estabilidade do alojamento e de seu aspecto interior impõem ao próprio grupo a imagem apaziguante de sua continuidade (idem, p.132).

Na disposição dos objetos que estão no nosso entorno percebemos e encontramos marcas de nossas relações familiares, pessoais, sociais, as quais influenciam nossa memória, exprimindo características comuns a muitos homens. A partir de nosso lar, passando pela nossa rua e pelo bairro, até o espaço maior da cidade, encontramos uma rede de relações sociais que marcam a memória coletiva. O espaço é estável, ele demora a mudar, e isso traz ao grupo a sensação de continuidade, que seus hábitos e sua memória têm consistência, estabilidade.

Assim como os objetos e sua disposição influenciam na nossa memória, os grupos ligados a determinado espaço imprimem, por sua vez, suas características no espaço urbano. O grupo está apegado aos costumes e ritmos inscritos nas ruas, nas escolas e nos lugares de trabalho:

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras. [...] todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nele de mais estável (HALBWACHS, 1990, p. 133).

O grupo adere com intensidade à sua localidade. Perder esse local ou as características do mesmo seria perder os valores e costumes e, até mesmo, suprimir a *memória coletiva* do grupo. Assim,

um acontecimento realmente grave sempre causa uma mudança nas relações do grupo com o lugar, seja porque modifique o grupo em sua extensão, por exemplo, uma morte ou um casamento, seja porque modifique o lugar [...] A partir desse momento não será exatamente o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva (HALBWACHS, 1990, p. 133).

Ou seja, para um grupo, determinado acontecimento pode levar a uma reorganização espacial. Por exemplo, o casamento de algum dos seus integrantes faria a família se reorganizar na sua casa ou poderia provocar alguma modificação nos seus locais de convívio.

Para não esquecer seus valores e seus costumes, diante das constantes mudanças da sociedade atual, o grupo institui, de acordo com Nora (1993), “lugares de memória”.<sup>viii</sup> Esse conceito alude aos locais onde é possível reter e cultivar uma memória ligada aos costumes da sociedade, com o objetivo de não perdê-la.

Porém, o autor esclarece que se se fala “tanto de memória [é] porque ela não existe mais [...] Há locais de memória porque não há mais meios de memória” (1993, p. 7). Ou seja, numa sociedade mais orgânica e estável não haveria a necessidade de “lugares de memória”. Os locais de convívio de um grupo já seriam suficientes para cultivar sua lembrança.

Na atualidade, há uma tentativa de conter a perda dos costumes e das memórias locais. Por isso, na sociedade contemporânea, caracterizada pela vertigem e pela aceleração, acaba tornando necessário instituir “lugares de memória”, para evitar a supressão das lembranças coletivas.

Augé afirma que o lugar se insere nos costumes das pessoas de uma localidade e possibilita uma estabilidade mínima, uma feição comum, a coesão vital e afetiva de um grupo: “o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima” (2001, p. 53).

Guattari (1992) compreende o espaço como um âmbito vivido — de convicções, valores, sentimentos, crenças etc. — em contínua mudança e partilhado pelos integrantes de uma comunidade. Na sua ótica, o espaço é múltiplo e inconstante, não pode ser vinculado a identidades fixas, mas a perspectivas variáveis. Pois, se o espaço é vivido, ele não tem uma identidade estável, ele varia de acordo com seus integrantes.

Dessa forma, o espaço não é entendido somente como o ambiente físico. Para Guattari, há numerosos espaços, tantos quantas possibilidades de *simbolização e enunciação* por parte dos corpos, dos sujeitos, da sociedade. Ou seja, as ruas, as construções, os bairros das cidades, são instigadores de sentidos, de trocas; nada neles é estático; tudo se recicla, se re-significa.

Quando um grupo toma suas decisões e escolhas em um contexto delimitado que lhe concerne,<sup>ix</sup> e enquanto este grupo continua em contato com seu âmbito de encontros e vivências, os costumes, as escolhas e os valores desse lugar influenciam sua memória e evitam o *esquecimento*<sup>x</sup> de seus hábitos.

Para Fentress e Wickham (1992), a memória é uma busca ativa do significado. Assim, a memória social pode não perder uma informação específica, mas ignorá-la intencionalmente. Se, em certas situações, a memória parece frágil e volátil, é porque ela depende do contexto. Enquanto permanecemos nesse contexto, estamos rodeados de pistas que a avivam.

Se a memória, noutras ocasiões, parece, pelo contrário, estável e tenaz, é porque dispomos de meios para libertarmos da dependência em relação ao contexto. Fixar qualquer lembrança significa, portanto, conceitualizá-la e codificá-la através de elaborações subjetivas, permitindo-nos reter a recordação, independentemente das alterações no âmbito externo.

Assim, Fentress e Wickham afirmam uma relativa autonomia do sujeito na recriação da memória, porém relacionam a recordação ao espaço, já que todas as memórias são localizadas no espaço, tanto na cidade, quando no campo, tanto por uma classe social, quanto pelas outras.

Os autores assinalam que o aspecto espacial influencia na construção da identidade comunitária e demonstram que o mesmo deve ser socializado para ter sentido para os habitantes do local:

Este padrão reflete com toda a evidência as estruturas das rotinas cotidianas ao ar livre; mas o espaço geográfico da comunidade é por sua vez socializado segundo esta mesma via, conferindo-lhe às suas associações passadas um significado que faz sentido para os seus habitantes, em contraposição às geografias mais anônimas que o rodeiam: espaço e tempo firmam-se na construção da identidade comunitária (1992, p. 141).

Apesar de não haver um consenso entre os autores estudados, todos eles permitem concluir que o espaço é um dos fatores mais importantes para a rememoração e para a ligação da memória aos grupos e à sociedade. A partir do espaço, a pessoa pode ter uma sensação de pertencimento a um local e a um grupo e, dessa forma, sua memória está interligada aos mesmos.

Conforme essas ponderações, tentarei esclarecer se o Instituto de Educação Sarah Kubitschek, foco dessa pesquisa, teve grande influência na construção da memória das normalistas que por ele passaram, não só por terem estudado nele, mas por também fazerem parte do bairro e da comunidade em que o mesmo está inserido.

## 2. Localização de Campo Grande e o IESK

O Instituto de Educação Sarah Kubitschek é um colégio de formação de professores, e o fato de se encontrar localizado em Campo Grande — um dos bairros mais distantes do Centro do Rio de Janeiro — contribui para que tenha algumas características, como analisarei a seguir.

A tentativa de esclarecer a singularidade dessa instituição de ensino no processo de construção de memória foi um dos motivos da escolha do IESK como lugar para o desenvolvimento da minha pesquisa. Percebo (como moradora de Campo Grande) que a localidade mantém hábitos peculiares da região e fecha-se em torno de si mesma. Isso se reflete, particularmente, no meu objeto de investigação: as normalistas do IESK.

Campo Grande, que já foi considerado cidade do Estado da Guanabara, em 1968, hoje é um bairro da cidade do Rio de Janeiro, e fica próximo de Bangu, Santa Cruz e Guaratiba, a, aproximadamente, 60 quilômetros do Centro da Cidade.

Não é muito difundida a origem do seu nome, porém quem conhece a localidade compreende o motivo dessa denominação, pois o bairro possui uma dimensão enorme — aproximadamente 286,05 km<sup>2</sup> — o que acabou levando à criação de vários sub-bairros. Campo Grande também envolve uma questão *campal*, já que se encontra afastado do perímetro urbano. Assim, o nome do bairro retrata tanto sua condição rural quanto sua vasta extensão.

A região foi a maior produtora de laranja do Estado do Rio de Janeiro até a década de 40 do século passado, sendo considerada o “Império da laranja”. Até o fim dos anos 60 do mesmo século, também mantinha como transporte uma linha de bonde, que inicialmente era movido por tração animal.

O bairro, atualmente, vê diminuir as atividades rurais que eram predominantes até o início do século passado. Mas, ainda repercute na população a imagem de que é uma região rural, tranqüila, onde a vizinhança mantém vínculos cordiais no seu dia-a-dia e luta por tornar Campo Grande um local sempre acolhedor, mesmo com o crescimento de um grande comércio e de mudanças que impõem o ritmo dos avanços urbanos. Podemos perceber essas mudanças no texto do site *Portal de Campo Grande*<sup>xi</sup>:

*Hoje, como ontem, Campo Grande é uma verdadeira capital. ‘Capital Rural do Distrito Federal’, é como chamava a localidade até bem pouco tempo. A verdade, porém, é que Campo Grande embora localizada na denominada ‘Zona Rural’ do antigo Distrito Federal, nada ou quase nada apresenta de rural, levando-se em conta a precisa acepção do vocábulo [...] Tudo faz de Campo Grande um centro importante, sequioso de agigantar-se, de brilhar, não pela iniciativa de uns poucos, mas pelo trabalho conjugado e harmonioso de muitos. Mudada a capital para muito longe, claro é que Campo Grande desperte para atender a sua vocação. Desde centro de peculiaridades expressivas, de vida própria, de finalidades múltiplas em todos os domínios, há de partir a glória radiosa capaz de unir todas as energias da Região e dar a esta porção de terra Guanabarina, um lugar que lhe cabe pelo seu passado e pelo seu presente. Todos lutam em torno de um ideal comum de fazer que os legítimos interesses sejam sempre respeitados, que se proclamem os direitos que a*

destinação se afirme e se realize. Ninguém falte ao chamado. Um com sua enxada, outro com o cinzel, com a pena, aquele com o cajado, mas todos com os braços, com cérebros, para trabalharem e vencerem, a fim de serem dignos da terra promissora e bela que herdaram onde todo esforço vale *um cântico de primavera, profundo, acolhedor* (os grifos são meus).

Esse texto demonstra o ufanismo de muitos dos moradores que consideram Campo Grande como o lugar onde a “glória radiosa” seria “capaz de unir todas as energias da Região” e no qual todos deveriam se unir para entoar, nesse âmbito privilegiado, “um cântico de primavera, profundo, acolhedor”. Esse tipo de discurso não é unânime na região,<sup>xii</sup> mas está presente na maioria das pessoas que adotaram Campo Grande como o seu local de permanência e não somente de moradia.

A maioria dos entrevistados exalta a tranquilidade e segurança do bairro como seu maior atrativo. O povo conserva-se muito ligado ao local. Dessa forma, grande parte dos moradores se conhece e se une para manter sempre a tranquilidade do bairro, principalmente para evitar a insegurança que assola todo o município do Rio de Janeiro. Podemos perceber isso nas ponderações de uma normalista do IESK:

Eu acho que Campo Grande é um bairro tranquilo [...] Eu não sinto muita segurança, porque ninguém tá seguro, acho que no mundo todo, hoje em dia a gente vive muito inseguro. É um bairro tranquilo que tem muitos laços de amizade, eu percebo muito isso. Os meus vizinhos se conhecem, então, eu acho que isso ajuda muito na convivência (normalista Joyce).<sup>xiii</sup>

Apesar de ser um bairro com costumes rurais, em uma região com muitas casas e chácaras, hoje ele tem poucas atividades agrárias, reservadas apenas a alguns sub-bairros. Sua ocupação e urbanização ocorreram através da criação de vários conjuntos habitacionais, surgindo, assim, os sub-bairros que se distanciaram do agrícola.

O comércio de Campo Grande é auto-suficiente, exercendo atração sobre outras regiões. O setor industrial também está progredindo. Campo Grande possui um Distrito Industrial localizado no quilômetro 43 da Avenida Brasil. O bairro também é valorizado por seus moradores por preencher as diversas necessidades da população, como aparece no relato da normalista Aracele:<sup>xiv</sup> “Bom pra morar. Calmo. Tem várias [...] coisas perto: mercado, shopping, padaria, tudo perto, não precisa ir para outros lugares”.

Isso tem favorecido o crescimento urbano que traz, aos poucos, uma pequena insegurança às pessoas da localidade, porém essa insegurança não altera essencialmente a percepção, testemunhada pelas entrevistadas, de que o bairro é tranquilo, calmo e bom para morar. Dessa forma, o sentimento de segurança ainda predomina na população, podendo-se deixar as crianças

brincando nas pracinhas e nas ruas e ficar conversando com os vizinhos descontraidamente sobre as atividades e o dia-a-dia da região.

O IESK se localiza próximo ao Centro de Campo Grande. As suas acomodações físicas são muito boas. Ele possui um prédio principal de três andares com salas de aula, teatro, biblioteca, entre outras dependências. No térreo se encontra um grande pátio e as salas da administração. Há outros dois prédios para os colégios de Educação Infantil e 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, em que as normalistas fazem o estágio docente (porém não há vagas para todas as estudantes). Existe também um estacionamento, um ginásio de esportes e uma piscina na parte externa dos prédios.



Figura 1 — Placa de inauguração do IESK

A fachada do colégio é limitada por um alto muro branco, com um pequeno portão que dá acesso ao prédio central e a um portão de ferro que permite somente a entrada de pessoas devidamente identificadas. O IESK possui uma arquitetura moderna, diferente da arquitetura clássica encontrada em outros Institutos de Educação do Rio de Janeiro, até mesmo porque o prédio foi construído na década de 1970, conforme aparece acima na Figura 2, e não nas décadas de 1920 ou 1930, como outros Institutos de Educação mais antigos.

Apesar de o prédio atual ter sido construído há menos de 40 anos, o IESK começou a funcionar no final dos anos 1950, porém era chamado nessa época de Instituto de Educação Campo Grande, nome que foi mudado para homenagear a esposa do presidente Juscelino Kubitschek. O instituto funcionou em um local onde, depois de sua saída, se estabeleceu um barracão de laranjas e, atualmente, funciona uma agência bancária, ou seja, em uma estrutura precária.

Os *Cursos Normais* eram altamente valorizados, fato que pode ser percebido na grandeza arquitetônica dos prédios da maioria dos Institutos de Educação do Rio de Janeiro. Esse não era o caso do IESK, porém mesmo sem contar com um prédio imponente esse Instituto também era valorizado socialmente como os outros Institutos de Formação de Professores.

Naquela época, mesmo sem dispor de um prédio mais estruturado para suas atividades, ele já formava as professoras da região e já era valorizado. Existiam cursos preparatórios para a prova de seleção que era muito rigorosa, pois quem conseguisse ser aprovado já tinha emprego garantido: os alunos que chegavam à 3ª série já começavam a lecionar, passavam a ser funcionários públicos do Estado da Guanabara. Uma professora do IESK comenta isso no seu depoimento:

Eu já trabalhava no último ano. Na 3ª série eu já tinha minha turma, todo mundo tinha, já com uma responsabilidade. Como aqui era Estado da Guanabara, nós já éramos funcionárias do Estado, que na época era Estado da Guanabara [...] Então, já peguei uma turma que era minha, só que tinha o apoio de uma professora de didática. Ela visitava, toda semana ela estava indo lá, mas nós tínhamos a nossa turma, nós *éramos empregadas do governo, já recebíamos e tínhamos uma responsabilidade da turma* [...] Recebíamos bem, ficávamos sentadas na sarjeta, como eu peguei uma escola que já acabou, em Santa Cruz, era a última, que o carro pagador saía do Centro do Rio e vinha pagando, vinha subindo, que era a Guanabara, o último posto era Santa Cruz, e então era a Escola Artur das Chagas, *nós éramos umas das últimas a receber, sentadinhas já de noite, na sarjeta no dia do pagamento, sem assalto, sem nada, sem medo, porque não se tinha banco*. E a gente ficava ali, recebíamos aquelas moedas na rua, aquele pacote que era o pagamento, e *podíamos comprar apartamento, carro etc. etc... com aquele dinheiro, hoje a gente não pode comprar nem um sofá (os grifos são meus)*.<sup>xv</sup>

A imponência dos prédios dos cursos normais, a valorização do salário docente e os estímulos aos professores que existiam outrora são detalhados por Linhares (1997, p. 187) no seu livro *A Escola e seus profissionais — tradições e contradições*:

Os edifícios públicos onde funcionavam os “Cursos Normais” guardavam as marcas arquitetônicas do requinte e da importância. Os salários eram apreciáveis, de tal forma que ensejavam que a linguagem popular situasse figuras como o “marido da professora” [...] O corpo discente, por sua vez, dispunha no Estado da Guanabara de estímulos especiais, como contratos profissionais imediatos aos concluintes que obtivessem as primeiras colocações.

Esses e outros fatores geravam prestígio social para os cursos normais. O IESK tinha ainda um estímulo importante para as pessoas que almejavam cursar a instituição e para as pessoas do seu entorno, que era a contratação imediata dos seus formandos como funcionários públicos, e os bons salários que recebiam, conforme foi ressaltado no depoimento citado acima pela professora do IESK.

O IESK, por estar longe do centro da cidade, oferecia, além dos aludidos benefícios, algumas dificuldades: as professoras formadas pelo IESK trabalhavam tanto nas proximidades do mesmo (Campo Grande, Santa Cruz etc.) quanto nos lugares mais distantes do Centro do Rio de Janeiro (na época, Guanabara). Como consequência, eram as últimas a receberem seu pagamento e tinham que esperar o carro pagador sentadas na “sarjeta”.

Essa observação se torna curiosa, pois o fato de as professoras esperarem sentadas na “sarjeta”, que é um termo utilizado pela linguagem popular para representar marginalidade ou pobreza, na verdade não significava isso para aquelas docentes: apesar de serem as últimas a receber, no início da noite, o salário delas tinha mais valor. Assim, mesmo *sentadas na sarjeta*, não “estavam na sarjeta”.

Hoje os professores não têm de esperar o carro pagador chegar, devido a facilidade do pagamento bancário. Porém, esse salário perdeu o seu poder aquisitivo. Assim, as dificuldades da região provocadas pela distância que eram, na época, compensadas pelo bom salário que a profissão proporcionava, hoje se tornam quase um “fardo” a ser carregado, pois não existe nenhuma compensação. Parafraseando a expressão daquela professora, hoje vemos o processo contrário: os professores não esperam o salário na sarjeta, porém esse mesmo salário os coloca, praticamente, “na sarjeta”.

Mesmo com essas dificuldades, a repercussão que teve o critério rigoroso de seleção, que existia até há pouco tempo, e a antiga valorização das (os) estudantes do IESK, tanto pelo emprego garantido, quanto pela remuneração, acabaram por tornar o IESK uma instituição considerada tradicional e de excelência, na região oeste do Rio de Janeiro.

Um dos motivos de manutenção da excelência do Instituto pode ser atribuído à rigorosa seleção das (os) candidatas (os),<sup>xvi</sup> que praticamente determinava uma distinção social, não permitindo que as pessoas menos favorecidas economicamente ingressassem no IESK, uma vez que as mesmas não dispunham de dinheiro para pagar os cursos preparatórios (pré-normal) e, portanto, não tinham a mesma bagagem cultural e social dos ingressantes.

Hoje, muitos associam uma certa decadência no ensino do IESK à falta da seleção, pois agora entram alunos com menos conhecimentos e com menos ideais de seguir a carreira docente. O depoimento da normalista Anne nos mostra essa opinião corrente:

Porque antigamente tinha-se prova pra entrar lá dentro, só entrava no Sarah quem tinha realmente conhecimento das coisas e hoje em dia não, qualquer um entra lá dentro e tem gente que vai pra lá só pra ter um diploma e que não vai seguir carreira, entendeu? De uns seis anos pra cá,<sup>xvii</sup> se não me engano, acabou a prova pra entrar lá, então por isso que de dez anos pra cá que o Sarah caiu legal, porque era uma excelente escola assim em termo de

ensino era muito bom, você saía de lá que tinha o antigo... esqueci o nome... o adicional que hoje não existe mais. E você saía de lá pronta pra dar aula e hoje em dia não, você tem que agarrar tudo que você vê pela frente.<sup>xviii</sup>

Essa seleção é mencionada, em diversos depoimentos, como um fator que fazia com que as pessoas que se inscrevessem tivessem maior vontade de serem professoras, pois quem se prepararia para uma prova tão difícil se não almejasse seguir a carreira docente? Ou mesmo, quem não se contagiaria com o *alvoroço* de ser aprovado em tal concurso e, dessa forma, passaria a exaltar a profissão também?

A certeza de um emprego garantido e bem remunerado, que propiciava a conciliação com as atividades domésticas e oferecia um ensino de qualidade, levou o IESK a ser um dos mais disputados colégios públicos de Campo Grande.

Entretanto, ao longo do tempo, o IESK foi perdendo a sua fama de instituição com um ensino de excelência. Quando foi suprimida a seleção no ingresso dos alunos, as exigências de entrada no IESK diminuíram concomitantemente, o que fez decair o nível dos novos estudantes. Aliás, muitos começaram a entrar no Sarah Kubitschek simplesmente para satisfazer o desejo dos seus pais, ou mesmo pela falta de outras escolas na redondeza.

Eu imaginava um colégio [...] super rígido. E eu gosto desses negócios que sejam assim, você tem que fazer, você tem que cumprir [...] Então eu entrei lá. Ah, eu fiquei toda empolgada quando eu comprei o uniforme, eu achava que ia ser as mil maravilhas, de você chegar lá, professor exigente, apto a dar a matéria, pronto para te explicar, e as pessoas, os alunos, pronto para aprender, mesmo porque só entrava ali quem queria. Então como o Sarah, não sei porque [...] passou a não ter aquela seleção para poder entrar lá. Então todo mundo passou a ir pra lá, então começou a superlotar (normalista Rafaela).<sup>xix</sup>



## Figura 2 — Rampa do IESK

As disciplinas e regras que outrora eram impostas às normalistas entraram em decadência e depredações foram cometidas no prédio, conforme vemos na figura acima. Atualmente, esse fato pode ser percebido na impressão que as normalistas têm do IESK, depois de começar seus cursos. Isso fica claro, por exemplo, no relato a seguir:

Eu pensei, assim que eu entrei que o Sarah fosse mais organizado. E organização lá não tinha nenhuma, nenhuma mesmo, veio a ter mais ou menos quando eu estava no terceiro ano que veio ter uma organização melhor (normalista Bárbara).<sup>xx</sup>

Essa modificação no cumprimento das regras e na organização do IESK pode ter acontecido até mesmo porque muitas das novas normalistas que ingressavam não queriam ser professoras. As normalistas não compactuavam com as normas impostas. Então, não se viam obrigadas a agir de acordo com os preceitos rígidos que sempre foram cobrados nessa instituição. Normas estas que estão na origem da denominação “Escola Normal”, que foi trazida da França, e que denotava a preocupação com a aceitação formal de obrigações pré-determinadas (LINHARES, 1997, p. 184).

Essa mudança trouxe uma certa “nostalgia da escola normal do passado”. Isso pode ser percebido no relato da normalista Anne, na página 13, cuja mãe foi formada pelo IESK nos seus “áureos” tempos, que reclama que ela não teria tido a mesma *sorte*, “tendo que agarrar tudo que ela visse pela frente”.

A *nostalgia* de uma escola melhor no passado é explicada por Linhares (1997, p. 195) pelo fato de a escola do passado atender melhor às pessoas que tinham um maior poder aquisitivo e, dessa forma, a “sua eficiência estava colocada no ensino-aprendizagem com um foco de excludência generalizado às camadas pobres de nossa sociedade”.

A nostalgia, nesse caso, vem unida ao conceito de “tradição”, que usualmente alude aos hábitos inveterados, antigos, transmitidos de geração em geração.<sup>xxi</sup> Porém, atualmente, muitas pessoas a têm exaltado excessivamente, se apegando a ela e, com um sentimento de nostalgia, querendo que ela seja valorizada. Outras enaltecem demais os avanços tecnológicos, desmerecendo tudo que vem do passado. Linhares (1997) propõe que não abandonemos o passado, mas que precisamos contextualizá-lo, não esquecendo dos conflitos sociais que a evocada tradição muitas vezes deixa de lado.

Esse termo é muitas vezes vinculado ao passado de “glória” das instituições públicas, que, na época, não eram acessíveis às classes populares: “Uma face da tradição educacional brasileira retrata sua preferência pelos ricos, pelos poderosos, pelas classes dirigentes. Esta imagem tem sido divulgada como sendo a da tradição da escola no Brasil” (Linhares, 1997, p.11).

Com o trecho acima pode-se perceber que o desejo da “tradição” institucional esconde, na maioria das vezes, uma exclusão das classes menos favorecidas e isso também ocorre na “decadência” da escola, quando começa o ingresso em massa nas escolas públicas, principalmente, como já havia dito, quando a seleção na sua admissão foi suprimida.

Essa decadência acaba acontecendo porque os meios educacionais não estão organizados e prontos para a entrada da classe popular na escola, assim os ingressantes dessa classe também não estão preparados para se inserir no sistema educacional.

Isso acontece por vários motivos, como, por exemplo, pelo fato de a origem social do candidato não ser a mesma que é almejada e pressuposta pela escola (a hipótese escolar é de que o aluno está bem nutrido, tem uma família que pode ajudá-lo e apoiá-lo financeiramente e emocionalmente). Dessa forma, sua maneira de conhecer o mundo, sua memória social, também não é valorizada, ficando mais difícil sua ligação com o conhecimento escolar (por exemplo, para um aluno que nunca viu ou nunca ouviu falar de uma “zebra”, fica difícil fazer uma redação sobre a mesma).

Apesar dos problemas decorrentes da aparente “decadência” não só do IESK, mas de todo o sistema educacional público, o Instituto de Educação Sarah Kubitschek ainda é uma das instituições educacionais públicas mais procuradas e exaltadas em Campo Grande e nas redondezas, até mesmo pelo esforço constante das autoridades do IESK para mantê-lo como centro educacional de respeito e excelência na região, voltando sua preocupação para que os ingressantes na escola desejem realmente exercer a profissão de magistério para a qual o instituto prepara.

Não quero dizer que a tradição seja desnecessária, pois a memória precisa de uma certa tradição para amparar suas lembranças e a cultura da sociedade. O que questiono é que as recordações das normalistas não podem estar vinculadas somente a essa tradição passada, pois assim a memória seria somente nostálgica, tirando-lhe a possibilidade de ser criadora. Para que haja fluidez, a tradição pode ser modificada aos poucos, sem ser abolida nem entrar em decadência, pois, ao modificar-se, ela pode atender melhor às necessidades do grupo.

### 3. O “grande campo” que se fecha

O espaço é sempre marcado por nossa individualidade e pelos grupos a que pertencemos, assim ele lembra a maneira de ser dos que viveram nele. Uma localidade tem um sentido específico para uma coletividade, e, às vezes, pode não ser compreendida por outros grupos, pois o lugar ampara os costumes de uma determinada coletividade e ela tenta, por isso, preservá-los.

Para Nora, “a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos” (1993, p. 25). Isto é, nossa memória apóia-se nos espaços que habitamos, no contexto em que vivemos, portanto, todos os locais a ela relacionados são apoio para a lembrança, tornando-se verdadeiros “lugares de memória”.

Neste momento de minha análise quero destacar a importância singular que essa reflexão tem para mim. Friso que sou campograndense. Assim, minha memória está intimamente ligada ao lugar em que vivo desde que nasci: Campo Grande. E, de algum modo, o apego ao local influencia todos os que vivem nessa região. Porém, meu círculo de contatos não se restringe a esse bairro, tenho familiares e amigos que moram em outros locais do Rio de Janeiro e em outros estados brasileiros. Por causa disso, não concentrei as minhas atividades somente neste bairro.

No entanto, essa não é a situação da maioria dos moradores da localidade: a grande distância do centro do Rio de Janeiro, a capacidade desse bairro de ter as suas necessidades supridas por seu vasto comércio e a possibilidade de existirem numerosos espaços de contato entre as pessoas, acabam por dificultar a saída dos moradores para conhecer e escolher outros bairros, seja para sua diversão, seja para atividades em geral.

Isso aconteceu com muitas de minhas colegas de infância e adolescência que nunca tinham conhecido a região Sul e o Centro do Rio de Janeiro. Era tão raro que o fizessem que quando as freqüentavam diziam que tinham “viajado”. A utilização do termo “viajar” não deixa de ser adequada, pois o fato de Campo Grande ser um bairro muito extenso, torna as visitas a outros bairros uma verdadeira “viagem”, até mesmo para os bairros mais próximos. Diferentemente, por exemplo, da região Sul do Rio de Janeiro, em que pode-se ir de um bairro para o outro com muita rapidez (dependendo somente do trânsito). Mas, além disso, a noção de viagem frisa a distância não só física, mas simbólica de Campo Grande com relação a outros lugares do Rio de Janeiro. Sair do bairro é uma verdadeira *aventura*, um deslocamento que implica não só uma mudança espacial, mas entrar em contato com outra “paisagem” humana: outros valores, outros colegas, outras memórias.

Mafessoli (2001, p. 29) analisa a viagem como uma aventura que pode ser desejada ou sofrida, pois relativizaria o peso do instituído:

Essa mobilidade é feita das migrações diárias: as do trabalho ou as do consumo. São também as migrações sazonais: do turismo e das viagens, sobre as quais é possível prever um importante desenvolvimento. É ainda a mobilidade social ou os deslocamentos maciços de populações induzidas pelas disparidades econômicas. Tudo isso é muito vulgar, mas contém em si uma importante dose de aventura. Aventura que pode ser desejada, assumida ou sofrida, isso não é problema. Pode ser compreendida como a modulação contemporânea desse desejo do outro lugar que, regularmente, invade as massas e os indivíduos.

Dessa maneira, podemos analisar que o fato de os moradores de Campo Grande utilizarem o termo viajar para sair de seu bairro significa que eles estão afastando do instituído, das suas obrigações e estão participando de um *outro mundo*, onde está presente a aventura e o encontro com outras culturas, estão participando da mobilidade exaltada por Mafessoli (2001, p. 93): “O frenesi das viagens a partir daí é um modo disfarçado de viver a mobilidade”. Isso não significa que os moradores não gostem ou queiram deixar Campo Grande, mas que eles percebem o bairro como diferente e sair dele representa uma forma de desafio que coloca em xeque seus hábitos.

Essa situação tem importância para a questão estudada, já que o IESK torna-se um lugar de memória, em que as características específicas desse âmbito mostram uma localidade fechada em torno de si mesma, onde as pessoas costumam transitar somente nesse bairro e se relacionar com outras pessoas apenas nesse espaço. O grande comércio, os diversos serviços e a capacidade de encontrar o necessário para viver contribuem para que isso aconteça.

Isto é, a maioria das normalistas desse Instituto desenvolve todas as suas atividades profissionais, sociais e familiares quase que exclusivamente em Campo Grande, com poucos contatos com outros locais do Rio de Janeiro. E isso gera uma forma de pensamento específico. Neste sentido, Halbwachs esclarece que “quando um grupo humano vive muito tempo em um lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores” (1990, p. 136).

As entrevistas evidenciaram a importância do espaço na configuração do pensamento: o diretor<sup>xxii</sup> exaltou, quando foi entrevistado, que o fato do IESK estar inserido em uma comunidade fechada como Campo Grande lhe oferecia características distintas de outros locais, principalmente no que diz respeito aos motivos de escolha profissional e ao perfil cultural dos alunos.

Por que as normalistas concentram suas atividades em Campo Grande? Esse fato pode ser explicado pela dificuldade encontrada para sair da região de Campo Grande e ter contato com outras regiões. Isso pode ser percebido nas palavras da normalista Rafaela, quando indagada se já tinha ido ao teatro:

Não. Eu tenho até curiosidade, porque eu acho até interessante. Mas os teatros que apresentam peças [...] que estimulem os jovens e os adultos também a verem, são muito longe [...] Lá em Ipanema, Leblon, aí, é muito difícil.

Essa dificuldade é causada pelo desconforto dos transportes da região e pelo alto custo financeiro que esse deslocamento ocasiona, ou seja, se locomover de Campo Grande para se divertir em outro lugar torna-se cansativo e caro. Dessa forma, é mais fácil se divertir na região.

Nem todas as normalistas optam por não sair de Campo Grande, algumas se deslocam para conhecer e se divertir em outros locais. Mas, mesmo as que freqüentam outros bairros reconhecem que a comunidade campograndense se fecha em si mesma e usa, às vezes, como justificativa da falta de ligação com outras localidades, a grande distância que as separa delas. Podemos perceber isso quando uma normalista comenta que vai aos museus, enquanto seus colegas da faculdade não vão: “Eu vejo que é muito complicado, às vezes, eu falo pro pessoal da minha turma que é tão perto daqui, e é tão barato, porque têm inscrições que [...] são gratuitas, e as pessoas não se interessam mesmo” (normalista Joyce).

Desse modo, as relações sociais acontecem de forma intensa na região: nas igrejas, nos espaços de diversões — shopping, praia, festas, danceterias e clubes — e nas próprias instituições de estudo, tanto no início da escolaridade quanto na etapa de formação profissional. Esses encontros são importantes para preservar os laços comunitários e sua memória. Se eles deixam de acontecer o grupo pode até mesmo cessar de funcionar como tal. Isso é esclarecido por Fentress e Wickham: “A transmissão da tradição é quebrada por qualquer vicissitude local [...] Se comemorar for funcionalmente relevante para a construção da identidade local, a sua sobrevivência está claramente menos assegurada se a sua relevância diminuir” (1992, p. 126).

Apesar da modificação urbana ser cada vez mais acentuada, Campo Grande ainda guarda características de zona rural que influenciam a memória da comunidade. Essas peculiaridades são evidenciadas, por exemplo, no fato das crianças brincarem livres nas ruas, dos adultos conversarem nos portões, das festas de rua serem valorizadas e partilhadas coletivamente, entre outras situações vivenciadas pela comunidade.

Nota-se, também, que os espaços de diversão da região são distintos dos de outros locais, por exemplo:

- A rua se torna um dos principais locais de encontro, onde acontecem conversas, brincadeiras, festas. Isto se evidencia em diversos eventos: carnaval, festa junina, festival de pipa, entre outros.

- O shopping se torna diferente, pois deixa de ser um lugar de passagem e de consumismo para constituir-se em um local de encontros: as praças de alimentação estão constantemente lotadas, tendo suas mesas disputadas, porém com pouquíssimo consumo alimentício no local. As lojas não são a única atração. Os vários grupos se encontram nas praças de alimentação para paquerar e conversar e o consumo fica em segundo plano, tendo em vista que quase não ocorre.

- Na região, os lugares mais freqüentes de encontro são festas, promovidas nas ruas ou em salões.

As pessoas de Campo Grande pouco apreciam os valores culturais da região sul e do centro do Rio de Janeiro, muitas delas nunca foram ou não freqüentaram teatros e museus. Talvez isso se dê pela distância, mas será que é só por isso? As diversões existentes na região aparecem como satisfatórias e não é necessário se ater a outras maneiras de lazer. A aderência ao lugar fala mais alto que a possibilidade de conhecer outras alternativas.

Embora muitas pessoas saiam de Campo Grande, na maioria das vezes para trabalhar, elas não tomam o novo lugar como próprio, pois suas diversões, valores e parâmetros continuam a depender do seu bairro de origem.

O contato permanente com a região acaba por ressaltar os valores sociais tradicionais da população, como o machismo, que persiste com muita força na região, principalmente nos comentários dos moradores. Mas, fica mais claro no fato de haver grande quantidade de mulheres que são donas de casa e que não estudam e nem trabalham fora.

O machismo é um dos fatores que acabam por influenciar a escolha profissional das normalistas na região, pois conforme uma concepção corriqueira da população “mulher não pode fazer outras coisas”, já que outras profissões são mal vistas, não seriam dignas de mulheres “decentes”.

A necessidade de encontrar boas escolas públicas e próximas também instiga, por vontade própria ou da família, as normalistas a procurarem o instituto, pois Campo Grande não tem muitas escolas de ensino médio, não restando outras opções, além do IESK. Todavia, o incentivo familiar se torna maior porque esse instituto oferece uma profissão que é considerada “digna” para a mulher.

O IESK se insere nesse espaço como a única possibilidade pública de formação de professores. Porém, ele não se estabelece na comunidade como uma instituição com funcionamento diferente das existentes em outras regiões do Rio de Janeiro, ou seja, não tem um currículo oficial diferente destas. Mas, por se inserir numa região marcada por peculiaridades bem definidas, ele acaba condicionando profundamente a memória dos alunos e dos professores.

Essas peculiaridades e suas repercussões nos moradores de Campo Grande não são percebidas por todos. Nas entrevistas com representantes do IESK, percebi que o morador de outra região tem maior facilidade para reparar as peculiaridades do bairro. Verifiquei isso quando uma professora do IESK, que é campograndense, disse que o IESK não é permeado pelas questões locais, e, em contraponto, o diretor, que reside em outro bairro, manifesta uma visão divergente ao afirmar que os valores de Campo Grande influenciam sim, na formação no Instituto.

O diretor do IESK alude ao baixo nível cultural das famílias como uma das razões pelas quais a escolha da instituição se dá na região, pois essa falta de valorização da “cultura”, ou do conhecimento, faz com que os pais coloquem os filhos na escola só “para não dar problema em casa”:

Então, essa cultura, você pode ver inclusive nos estudos sociológicos. É uma cultura do tipo de quando você tem menos cultura, quando você tem menos acesso às informações, isso tudo depõe muito para a família, que não liga muito para cultura. Então, a normalista está numa escola para estar numa escola. Têm famílias que chegam aqui: ‘o meu filho está aqui para não dar problema em casa’.

A distância entre Campo Grande e o Centro/Zona Sul do Rio de Janeiro (denominado por muitas pessoas da região como “lá em baixo”), dificulta o acesso a outras modalidades da cultura (como teatros, bibliotecas, museus etc.). A dificuldade de acesso, e conseqüente adesão aos hábitos locais (brincadeiras na rua quando criança; festas na rua quando adolescente e adulta, entre outros) aparece claramente na fala das primeiras entrevistadas e também no relato do diretor mencionado:

[...] ‘lá em baixo’ como se diz aqui, [...] a maioria dos alunos que freqüentam [...] escolas públicas [por exemplo em] — Vila Isabel, Tijuca, Laranjeiras — [estão próximos a] bibliotecas públicas, e os professores fazem questão que os alunos vão [...], [existem] projetos, que os alunos são retirados de sala de aula durante um dia, dois dias, para visitarem museus, [...] até para visitarem peças de teatro. Então, o IESK estar localizado em Campo Grande, [...] [causa] a dificuldade de se levar qualquer turma [...] de ônibus, pois não se consegue, é uma escola pública, nós não temos verbas para isso. Então não existem teatros que funcionem durante o dia todo, não existem salas de cultura, não existem salas de música, [...] tudo isso favorece para que os alunos de lá, das regiões, tenham acesso a isso (os grifos são meus).

O termo “lá em baixo”, apesar de ser utilizado também em outras localidades afastadas do Centro do Rio de Janeiro, demonstra como a região se torna distante não só espacialmente, mas também no imaginário da população campograndense. É uma expressão que já pertence à memória local, pois é amplamente utilizada, na comunidade, quando se alude ao Centro do Rio de Janeiro. Um dado significativo, que aparece nas entrevistas, é que ninguém sabe o porquê da origem desse

termo. Esse termo é um *chavão* que frisa a distância — física e representativa — entre o bairro e o resto da cidade.

A separação de Campo Grande de outras localidades do Rio de Janeiro fica nítida nesse conceito amplamente utilizado no local para denominar a zona Sul e o Centro da cidade. Nesse termo estão presentes tanto a convicção de que essas regiões são distantes do local onde moram, quanto a crença de que é uma área *diferente*, existindo uma espécie de *fronteira* invisível, que separa o bairro do restante do município.

Essa expressão transmite a sensação de que “lá em baixo” haveria uma altitude menor em relação a Campo Grande, o que não é verdade, pois o mesmo também está no nível do mar, ou seja, não é localizado em nenhuma serra e fica ao lado da região das praias de Guaratiba.

Com isso, nota-se que o termo “lá em baixo” não tem um sentido geográfico, mas que está presente no imaginário popular e que vem passando de geração a geração, tanto que ninguém sabe quando ele surgiu. Porém, *baixo*, neste caso, não tem um sentido hierárquico, opondo-se àquilo que estaria *no alto*. Basicamente, alude à distancia, ao afastamento, talvez a um *abismo* entre grupos sociais, como veremos a seguir.

Campo Grande é comparado, inclusive, por muitas pessoas da região — e pelo diretor do IESK, conforme assinalo abaixo — com um “feudo”, pois seria fechado em torno de si mesmo e as pessoas “não sairiam dali para nada”. O diretor também alude ao período feudal, como se as pessoas estivessem vivendo dentro de uma *fortaleza*:

Eu tenho um colega, professor de geografia, que sempre diz que *Campo Grande é um 'feudo'*, tudo porque ainda tem algumas coisas que existem em cidade de interior, que infelizmente, ou que felizmente estão acabando, então todo mundo se conhece [...] *Então eu acho que Campo Grande fica reduzido assim a um 'feudo'*, porque nada sai daqui, tem alunos de 3º ano, com 19, 20 anos, que não conheciam e não conhecem o centro da cidade, e é a cidade deles, Campo Grande não é uma cidade. Tem professoras que se formaram no Sarah Kubitschek, fizeram faculdades em Campo Grande, e que não saem de Campo Grande. Então eu acho isso, [...] por um lado bom, porque ficou dentro da sua comunidade, [...] mas ruim, pelo lado de você não conhecer a realidade que existe em relação à cidade. Tem professores que eu conheço, *professores que nunca foram a um teatro*, isso é inconcebível, qualquer que seja a área do professor, seja biologia, química. [...] e o brasileiro por ser indolente, por morar aqui em Campo Grande, [...] ele jamais vai sair daqui pra ir um sábado a noite num teatro em Ipanema, jamais vai sair daqui para assistir uma peça no Teatro Municipal. Então *isso favorece a que Campo Grande seja um 'feudo'*, porque depois as pessoas dentro daquela fortaleza que as pessoas não saem dali. Né, como no período feudal, em Campo Grande acontece muito isso (os grifos são meus).

Conta-nos a História mais convencional presente em muitos livros didáticos<sup>xxiii</sup> que os feudos foram criados na Idade Média com o objetivo de “defender” seus moradores dos ataques dos *bárbaros*. Dessa forma, uma região era toda cercada e tinha pouquíssimo contato com outras áreas.

Dentro do feudo, o senhor feudal era o detentor da propriedade e os outros trabalhavam e obedeciam a esse senhor, tendo em contrapartida o “direito” de plantar em um pequeno pedaço de terra para sua subsistência.

Para Mafessoli, o bárbaro é indesejável porque ele “vem perturbar a quietude do sedentário. Potencialmente, representa ele o deflagrar, numa palavra, o advento do imprevisível” (2001, p. 43). Ele é inconveniente à lógica de cada um ter o seu território único e estável, ele é indesejável ao controle das pessoas enquanto trabalhadoras e detentora de hábitos, enquanto fechadas no seu próprio mundo: “(...) o território individualista se torna uma prisão. Em lugar de servir de base para uma possível partida torna-se lugar de fechamento” (p. 82).

É possível observar que as “muralhas” invisíveis da “fortaleza”, que cercam Campo Grande, impregnam o imaginário da população que acaba por viver, estudar (ensino fundamental, médio e superior) e se divertir somente na localidade, como acontecia nos antigos feudos.

Há uma “limitação” na locomoção das pessoas de Campo Grande para outras localidades, o que dificulta o acesso às manifestações culturais não existentes na região e contribuiu para que “nada saía dali”. Esse “nada” poderia aludir tanto às pessoas quanto ao pensamento e aos hábitos locais.

A comparação, feita pelo diretor do IESK, de Campo Grande com um “feudo” vai além das *fronteiras* espaciais difíceis de se transpor, pois é perceptível que, apesar de não existir um senhor feudal, também há muita dificuldade de mobilidade social na região.

Esse ambiente fechado em torno de si mesmo propicia que exista uma “maneira de ser” campograndense. Isso é percebido até mesmo em outros bairros. Um exemplo disso está presente na narrativa de uma das normalistas que nota que quando vai a Barra da Tijuca (bairro que fica a mais ou menos cinquenta minutos de Campo Grande) as pessoas percebem que ela não é de lá “pela sua maneira de falar e agir”.<sup>xxiv</sup> A “fortaleza”<sup>xxv</sup> acaba se fechando ainda mais por essa sensação de não pertencimento a outro lugar, de estranhamento dos campograndenses, no trato com outros habitantes do Rio.

Talvez as pessoas do outro local nem estejam percebendo essas diferenças, talvez seja a normalista que não se sente acolhida naquele bairro. Ou mesmo as outras pessoas possam perceber algo diferente no visitante, mas não necessariamente ligam essa diferença ao pertencimento a outra localidade.

Porém, algo é certo: essa normalista não se sente incluída no bairro que visita. Esse outro local lhe é estranho e seus hábitos não são os mesmos, por isso ela prefere permanecer no seu lugar

de origem, que acaba por trazer-lhe uma afetividade e um relacionamento diferente com as outras pessoas; relacionamento este que é mais aberto e menos discreto.

Talvez essa diferença de relacionamento aconteça pelo fato de seus moradores terem menor poder aquisitivo e encontrarem-se em um bairro pobre, pois, conforme Guattari, o espaço constitui uma forma de subjetivação que muda de um espaço para outro, e que é diferente em um bairro pobre:

Quer tenhamos consciência ou não, o espaço construído nos interpela de diferentes pontos de vista: estilístico, histórico, funcional, afetivo... Os edifícios e construções de todos os tipos são máquinas enunciadoras. Elas produzem uma subjetivação parcial que se aglomera com outros agenciamentos de subjetivação. Um bairro pobre ou uma favela fornecem-nos um outro discurso e manipulam em nós outros impulsos cognitivos e afetivos (GUATTARI, 1992, p. 157-158).

Guattari esclarece que a disposição do espaço de diferentes formas (edifícios, bairros pobres, favelas, entre outras) produz uma subjetivação que afeta nossa maneira de agir, de apreender os fatos que nos cercam e a nossa própria maneira de manifestar afeto pelos outros e pelo nosso espaço de contato. Assim, podemos analisar que a disposição de cada bairro ou localidade favorecerá um tipo de relação entre seus moradores.

Foucault (1989, p. 212) também nos mostra que “é surpreendente ver como o problema dos espaços levou tanto tempo para aparecer como problema sócio-político. [...] A fixação espacial é uma forma econômico-política que deve ser detalhadamente estudada”. A divisão e a disposição do espaço influenciam a conduta das pessoas, assim como condicionam os grupos a estabelecerem determinadas relações de poder. Ou seja, a fixação espacial subjetiva as pessoas e interfere nas configurações sócio-políticas.

Considero que o fato de Campo Grande ser um bairro fechado — um “feudo”, conforme as palavras do diretor, faz com que seus moradores fiquem alheios aos hábitos e valores de outros locais. E, dessa forma, eles vivem atentos somente nos seus afazeres, conversas e costumes (na figura abaixo, uma cena cotidiana das conversas no IESK).



Figura 3 – Conversas

O grupo seria o elemento preservador dessa “fortaleza”, pois seu interesse está no seu entorno e, assim, tentaria defendê-lo. Nesse ponto, a leitura de Halbwachs (1950, p.135) é esclarecedora:

Assim, não somente casas e muralhas persistem através dos séculos, mas toda a parte do grupo que está, sem cessar, em contato com elas, e que confunde sua vida e a dessas coisas, permanece impassível, porque não se interessa a não ser por aquilo que se passa, na realidade, fora de seu círculo mais próximo e além de seu horizonte mais imediato.

A afirmação do diretor do ensino normal do IESK de que “nada sai de Campo Grande”<sup>xxvi</sup> é corroborada, de alguma forma, pelas palavras de muitas das normalistas entrevistadas, até mesmo pelas integrantes das famílias mais instruídas, que dizem que nem tentaram ingressar nas universidades federais. Geralmente, justificam essa desistência pelo medo de fracassar, mas, principalmente, pela distância e dificuldade de se locomover para a universidade, em caso de aprovação. Dessa forma, preferiram cursar o nível superior em Campo Grande, em alguma das muitas faculdades particulares ali existentes.

As faculdades privadas estão se proliferando pelo Rio de Janeiro, principalmente em Campo Grande. Elas aproveitam a distância para atrair os alunos que não podem ir a outra região para estudar. O aumento de cursos superiores na localidade é considerável: há pouco tempo em Campo Grande havia duas faculdades, agora já existem mais de cinco.<sup>xxvii</sup>

O diretor assinala que as alunas não teriam projetos claros para seu futuro, e que, por isso, a dificuldade de percorrer uma grande distância para cursar uma faculdade pública faz as mesmas desistirem:

Porque na verdade elas não [têm] um objetivo, um futuro na vida. Se você perguntar às alunas 'o que você vai querer, o que você vai ser na vida?' São raras aquelas que dizem 'vou fazer uma faculdade, vou fazer isso, vou prosseguir nos meus estudos'. Então eu acho que a vida educacional, a vida estudantil dos alunos, até de todo Campo Grande, vamos generalizar, termina depois que acaba o ensino médio. Porque Campo Grande, voltando ao 'feudo', não tem nenhuma universidade pública, na zona oeste não tem nenhuma universidade pública. Então os alunos têm que sair do Sarah Kubitschek, sair do Miécimo, sair do GP,<sup>xxviii</sup> e aí se tiverem vontade, ou galgarem [...] às universidades públicas, UERJ, UFRJ, que ficam distantes daqui. São raros aqueles alunos meus que [...] estudam na UERJ, na UFRJ. Portanto se limitam a fazer [faculdades particulares aqui da região]. Você está vendo aí que a propagação de faculdades particulares por aqui é enorme, por que? Porque vão pegar esses alunos que não têm condições, eu acho que até condições de conteúdos até teriam. Mas não têm condição de fazerem o vestibular para se habilitarem a uma faculdade pública. Então, eles ficam em Campo Grande (diretor do IESK).

Esse fato pode ser interpretado também de outra forma. Muitas normalistas optam por não se distanciar do seu espaço de convivência, até mesmo pelas dificuldades, pelo perigo e pelo alto custo que essa locomoção para uma universidade pública acarretaria. Então, preferem simplesmente continuar seus estudos em Campo Grande.

Resumindo o já assinalado, afirmo que a ligação entre memória e espaço é muito forte, principalmente no caso das professoras entrevistadas, que ainda estão influenciadas pelo contexto campograndense e cuja memória condiciona a sua prática profissional. Esse forte vínculo me permite realizar uma reflexão relacionada com sua escolha profissional e os diversos desdobramentos dessa escolha.

Esta reflexão me leva à conclusão de que o espaço de convivência pode ser vivido de uma forma uniformizadora ou libertadora. Conforme nos demonstra Guattari (1992, p. 158):

O alcance dos espaços construídos vai então bem além de suas estruturas visíveis e funcionais. São essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas funcionando como o 'companheiro' anteriormente evocado, máquinas portadoras de universos incorporais que não são, todavia, universais, mas que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma resingularização liberadora da subjetividade individual e coletiva.

Podemos, dessa forma, analisar o espaço fechado de Campo Grande, onde se insere o IESK, como condicionante de uma intensa relação com o local, porém essa relação não deveria ser limitadora de um conhecimento e de um contato com outras formas de agir, como vem acontecendo

de uma forma geral. A formação de professores deve ser mais ampla e aberta ao conhecimento de costumes e de culturas gerais, contudo, os limites geográficos de distância da região de Campo Grande têm restringido o contato com outras manifestações culturais. Entretanto, posso perceber que a exaltação das manifestações culturais da localidade possibilita um maior relacionamento entre seus moradores, cuja memória social traduz uma presença marcante dos valores locais. Dessa forma, há uma forte vinculação dos costumes e valores das normalistas do IESK com seus ambientes de trabalho, diversão e convivência.

Assim, também essas lembranças coletivas podem ter uma influencia positiva sobre a prática pedagógica das normalistas, futuras professoras da região, pois conhecendo o cotidiano da localidade, elas podem relacionar-se de forma mais profunda com o contexto de vida dos seus futuros alunos, sendo, assim, recriadoras dessa memória local.

Halbwachs (1990), como já apontei, afirma que o lugar deixa suas marcas no grupo e vice-versa. Levando em conta essa afirmativa, podemos inferir que as normalistas tiveram suas escolhas influenciadas pelo espaço em que vivem, ou seja, pelo fato de a memória local incentivar a carreira de professores como uma das profissões mais acessíveis da região. As estudantes seguiram essa tendência e, continuando na localidade, ajudaram e ajudam a recriar mais uma vez essa memória e o sentimento de unidade do grupo local.

Em resumo, analisei ao longo deste artigo, como a memória das normalistas do IESK de Campo Grande é influenciada por esse espaço de convívio. Suas lembranças e seus costumes estão marcados por um lugar muito peculiar, muito diferenciado de outros lugares do Rio de Janeiro. A memória campograndense influencia de forma clara as normalistas do IESK na sua trajetória profissional, na sua formação, no seu perfil docente, nos seus valores. Essa memória está marcada por um ritmo calmo, tranquilo, em que as relações de vizinhança e o dialogo cotidiano são cultuados; esse ritmo é muito diferenciado do agito vivido nos outros bairros do Rio; por outra parte, esse lugar distante do centro parece tornar-se um “feudo”, um lugar fechado a outras influências. Desse modo, as normalistas recriariam uma memória que bloqueia outras necessidades, tornando-se restrita e limitada.

Por meio de minha memória, percebo que a docência não é uma escolha de cunho pessoal, que dependa exclusivamente de cada um. Todas as lembranças, caminhos e atitudes que tomei foram influenciados pela memória social, ou seja, só pude me tornar quem eu sou devido às pessoas com que lidei e que me deixaram lembranças, aos obstáculos pelos quais passei e a forma como os enfrentei.

Optei pelo magistério refletindo sobre a experiência de minha mãe e questionando a trajetória de sua escola. A maneira com que encarei a educação, sempre colocando a curiosidade em primeiro

plano, foi movida por um ambiente familiar que possibilitava discussões e criticidade. Se percebi a docência como uma profissão que permitia lutas (e não só a aceitação de um “dom” feminino de ser professora e cuidar de crianças) foi porque na memória que recebi, e que vivi, o papel da mulher não estava restrito a poucas tarefas. Ao contrário, a condição feminina dispunha de um leque de opções.

A concepção que tenho do processo educativo está indissociavelmente ligada à minha percepção de mundo, às minhas memórias, ao questionamento da educação vigente e à tentativa de apresentar aos professores uma nova forma de perceber a educação, não como um local feminino por excelência, mas como um espaço prioritário de embates sociais que podem acontecer na veiculação de uma memória ciente das divisões dos papéis e da formação de identidades fixas, ou seja, de uma memória discutida que vise a criação do singular.

Apesar da esperança em desenvolver uma educação aliada ao questionamento, à criticidade, percebo o quanto essa memória movida pelo poder tanto quer enquadrar todos nos seus “devidos lugares” quanto influencia diretamente os professores da sociedade. Assim, ao buscar entender as narrativas das normalistas formadas, pretendo mostrar como o discurso individual é permeado pelo social, como ele é movido por relações que se estabelecem com o meio e com a memória das pessoas.

Primeiramente, elas estão inseridas em um bairro — Campo Grande — que as leva a deterem suas atividades em um âmbito fechado, seja porque esbarram na distância e na dificuldade de acesso ao Centro do Rio de Janeiro, seja porque desfrutam da auto-suficiência de seu comércio (o que dispensa a ida a outros bairros). Esses atributos induzem a continuidade dos costumes já conhecidos e a valorização dos divertimentos que o lugar dispõe.

Incomoda-me essa falta de contato com outros bairros e com outros costumes, acho importante fazer opções e não ficarmos limitados a aceitar o que já está estabelecido. Esse incômodo aparece também no discurso de uma normalista, porém não é geral. A memória divulgada pela comunidade exalta somente os hábitos locais.

Esse bairro fechado em si mesmo, que se apresenta como um “feudo” cercado de fortalezas, parafraseando um entrevistado, acaba por exaltar as instituições da região, como, por exemplo, o IESK — enquanto única instituição pública de formação de professores (embora isso não aconteça com uma intensidade tão grande quanto há poucos anos atrás).

As memórias propagadas nesse espaço restrito ressaltam a valorização da profissão docente para as mulheres, a exaltação das atividades efetuadas no local, a desmotivação frente às atividades que são feitas distantes do bairro etc. Por esse motivo, a relação com o bairro tem sido, de forma geral, limitadora de uma memória mais aberta às escolhas e a um contato com outras formas de agir.

A memória social dos moradores de Campo Grande está fortemente impregnada dos valores locais, de seus costumes e espaços de contato. É impossível deixar tudo isso de lado, pois o social a todo momento nos interpela. Para criar o novo, é preciso deixar de apenas acolher o que é veiculado. É importante para o professor que ele também se abra ao conhecimento de valores gerais e que não se restrinja apenas ao seu círculo de ação. Essa postura o habilitará a incentivar os alunos a questionarem seu contexto de vida e suas memórias.

A influência do lugar sobre as normalistas fica patente no relato das entrevistadas. As marcas decorrentes do espaço de vivência delas se evidenciam nas suas preferências, principalmente na profissional — pois a docência é a profissão incentivada pela memória local e uma das mais acessíveis na região —, e nas opções de vida na localidade, como, por exemplo, no fato da preferência em não estudar, trabalhar e se divertir em outros bairros. Essas escolhas demonstram que as normalistas seguiram a tendência incentivada pela memória local e continuaram perpetuando-a.

Os costumes dominantes são valorizados socialmente e a escola não deve deixá-los de lado, ela deve relacioná-los com os hábitos locais, sem suprimi-los ou exasperá-los. No entanto, também deve proporcionar conhecimento dos vários tipos de costumes para que o tradicional possa ser questionado e para que surjam outras opções. A memória local é importante, mas não é a única, tem que ser apreciada, porém não de uma maneira cega e distanciada de todo o contexto social.

## Bibliografia

ALVES, N. Espaço e tempo de ensinar e aprender. In: **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. 10<sup>o</sup>. ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

AUGÉ, M. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Papyrus, 2003.

FENTRESS, J. e WICKHAM, C. **Memória social**: Novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.

FOUCAULT, M. **Corpos Dóceis**. In: **Vigiar e punir**. 6<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 125-147.

GUATTARI, F. **Caosmose**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LINHARES, C. **A escola e seus profissionais**. Rio de Janeiro: Agir. 1997.

LUFT, P.F.M.G. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo, Globo, 1993.

MAFFESOLI, M. **Sobre o nomadismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NORA, P. **Entre a memória e a história**: a problemática dos lugares. São Paulo: Projeto História (10), dez, 1993.

RABELO, A. O. **Os futuros professores e a sexualidade**: concepções, preconceitos e atuação profissional. Monografia de pós-graduação de Docência do Ensino Superior. Orientador: Maria Amélia Gomes de Souza Reis. UNIRIO: Rio de Janeiro 2002.

\_\_\_\_\_. **A sexualidade do escolar adolescente - entre os ditos e os não ditos**. Monografia de final de Graduação de Pedagogia. Orientador: Maria Amélia Gomes de Souza Reis. UNIRIO: Rio de Janeiro 2000.

REIS, M. **Sexualidade e reinvenção da escola pública**: A Formação Da Jovem Professora. Tese de doutorado, UFF/ RJ, 2002.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade e reinvenção da escola pública**: A Formação Das Jovens Professoras. Qualificação de doutorado, UFF/ RJ, 2001.

VICENTINO, C. **História geral**: Volume Único – 2 Grau. São Paulo: Scipione, 2002.

WEHLING, A ; WEHLING, M. J. Memória e história: fundamentos, convergências, conflitos. In: WEHLING, A *et al.* **Memória social e documento**: uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: Mestrado em Memória Social e Documento, 1997. p. 11-26.

Artigo recebido em 6/2004.

Aprovado em 7/2004.

---

## Notas

<sup>i</sup> Esses foram os temas trabalhados na minha monografia de graduação: **A sexualidade do escolar adolescente - entre os ditos e os não ditos**. Monografia de final de Graduação de Pedagogia. Orientador: Maria Amélia Gomes de Souza Reis. UNIRIO: Rio de Janeiro 2000.

<sup>ii</sup> RABELO, A. O. **Os futuros professores e a sexualidade**: concepções, preconceitos e atuação profissional. Monografia de pós-graduação de Docência do Ensino Superior. Orientador: Maria Amélia Gomes de Souza Reis. UNIRIO: Rio de Janeiro, 2002.

<sup>iii</sup> Campo Grande tem características fechadas, exaltadas pelos entrevistados e percebidas no dia a dia das pessoas da localidade, isto é, elas possuem vínculo forte com a região e têm muitas dificuldades para sair do bairro, não só pela distância do centro de Rio de Janeiro, mas pelos hábitos que ressaltam a tradição local e a sua cultura.

<sup>iv</sup> Subjetividade é um modo de conceber o mundo que é produzida por mecanismos sociais, não é um atributo individual, nem mesmo inventado, mas a maneira com que cada indivíduo recebe as interpelações do social e se submete ou não a elas.

<sup>v</sup> Para ver essa distinção entre memória e história ver Wehling & Wehling (1997).

<sup>vi</sup> Ele dá continuidade à postura de seu professor Durkheim, que defendeu a especificidade das representações individuais e coletivas através da memória, afirmando o caráter simbólico da memória individual, como traço de um complexo social mais amplo (cf. *Representações individuais e representações coletivas*).

<sup>vii</sup> Não estará em foco essa discussão, mas trataremos de *memória coletiva* quando utilizar os conceitos de Halbwachs e de *memória social* quando aludir a Fentress e Wickham.

<sup>viii</sup> Termo utilizado por Nora (1993) para explicar que todos os espaços que servem para preservar a memória do grupo, os lugares em que este viveu e deixou suas marcas, são lugares de memória e não só os lugares, a princípio, designados para esse fim (como museus, bibliotecas etc.).

<sup>ix</sup> Como, por exemplo, no caso das normalistas entrevistadas nessa pesquisa, tendo em vista que elas estão muito envolvidas pela localidade que as cerca e pelos grupos que elas integram nesse local.

<sup>x</sup> O esquecimento, conforme Fentress e Wickham (1992, p. 57), também faz parte da memória, ele não é totalmente apartado em nenhum momento. O esquecimento acontece *normalmente*: “A nossa memória exprime a ligação do nosso espírito ao nosso corpo e do nosso corpo com o mundo social e natural que nos rodeia. No entanto, esta continuidade é também fonte de esquecimento normal”.

<sup>xi</sup> A descrição aqui feita encontra-se registrada no site [www.pcg.com.br](http://www.pcg.com.br).

<sup>xii</sup> Veremos, mais adiante, que há outros enfoques sobre esse local.

<sup>xiii</sup> Entrevista realizada na residência da entrevistada no dia 15/03/2003, todos os outros depoimentos da normalista Joyce referem-se a essa mesma entrevista.

<sup>xiv</sup> Entrevista realizada em minha residência, no dia 21/12/2002; todos os outros depoimentos da normalista Aracele referem-se a essa mesma entrevista.

<sup>xv</sup> Entrevista realizada no dia 17/02/2002 no IESK, todos os outros depoimentos de uma professora do IESK referem-se a essa mesma entrevista, pois só foi entrevistada essa professora do IESK, que conforme sua solicitação não será identificada neste trabalho.

<sup>xvi</sup> Uso o termo no masculino e no feminino porque mesmo constituindo uma minoria, há alguns homens na instituição, e a regra da gramática da Língua Portuguesa nos impõe que se um termo se referir a um grupo, onde houver algum elemento masculino o gênero da palavra correspondente será masculino. No entanto, cabe observar, que essa regra pode ser interpretada como uma exaltação do masculino sobre o feminino na nossa sociedade.

<sup>xvii</sup> A última prova de seleção para ingresso no IESK foi em 1997.

<sup>xviii</sup> Entrevista realizada em 29/03/2003 na residência da entrevistada; todos os outros depoimentos da normalista Anne referem-se a essa mesma entrevista.

<sup>xix</sup> Entrevista realizada em 18/12/2002 na residência da entrevistada, todos os outros depoimentos da normalista Rafaela referem-se a essa mesma entrevista.

<sup>xx</sup> Entrevista realizada em 13/03/2003 na residência da entrevistada, todos os outros depoimentos da normalista Bárbara referem-se a essa mesma entrevista.

<sup>xxi</sup> Ver Luft (1993), Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.

<sup>xxii</sup> Entrevista realizada no IESK no dia 31/10/2002 com o diretor do Ensino Médio de Formação de Professores do IESK, todos os outros depoimentos do diretor do IESK referem-se a essa mesma entrevista.

<sup>xxiii</sup> Ver, por exemplo, VICENTINO, Cláudio. **História geral**: Volume Único — 2 Grau. São Paulo: Scipione, 2002.

<sup>xxiv</sup> Depoimento da normalista Anne que não foi gravado.

<sup>xxv</sup> Conceito que foi usado pelo diretor do IESK em sua narrativa citada acima.

<sup>xxvi</sup> Ver página 21.

<sup>xxvii</sup> Antigamente existiam a FEUC e a Faculdade Moacir Sreder Bastos, hoje existem várias como Estácio de Sá, Univercidade, Bezerra de Araújo, entre outras.

<sup>xxviii</sup> O GP (Ginásio Público) e o Miécimo são dois dos poucos colégios públicos de ensino médio da região.